

**Uma síntese crítica do  
Seminário Comemorativo dos 20 anos do Projeto Escola Zé Peão  
Leôncio Soares (UFMG) e Osmar Fávero (UFF)**

Após acompanharmos a realização do Seminário, realizado nos dias nos dias 6 e 7 de dezembro, na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, apresentamos uma breve síntese ao final do mesmo. Concluído o Seminário, com mais tempo para elaboração, detalhamos a reflexão proposta naquela ocasião.

Dividimos o texto em duas partes: a primeira denominada de pontos positivos e a segunda, desafios.

**A.** Destacamos seis **pontos positivos**, desenvolvidos a seguir:

**1. A relação entre o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de João Pessoa e a Universidade Federal da Paraíba**

Este primeiro ponto é o que caracteriza a proposta da Escola Zé Peão. Ao colocar em destaque a relação entre o Sindicato e a Universidade, o PEZP estabelece uma nova maneira de trabalhar. A presença dos trabalhadores da construção civil nos momentos de elaboração da proposta, assim como em sua execução e avaliação permanente criou uma relação de trabalho em conjunto em que a realidade desses trabalhadores ocupou lugar central. Segundo Paulo Marcelo, dirigente sindical que acompanha o projeto desde as idéias iniciais, foi um caminho de mão-dupla: o Projeto Zé Peão foi também uma alavanca para a construção de um sindicato diferente. Impressionou-nos a objetividade das manifestações dos dirigentes sindicais sobre o histórico e as aspirações para o futuro do Projeto.

Sobre este primeiro aspecto foram feitas várias menções durante o seminário ressaltando a importância e relevância desta relação. Em sua fala de abertura, o professor José Neto, da UFPB, disse que a educação popular tem sua marca política e o PEZP fez sua opção ao escolher o trabalhador da construção civil como parcela dos excluídos da sociedade brasileira. Cláudio Gomes, do Conticom, afirmou haver um confronto com o capitalismo: enquanto este incentiva a individualização e a competitividade, o PEZP vai do outro lado, trabalhando a cooperação e a solidariedade. Cláudia Duarte, da UEPB, para dizer de como foi importante a presença do Sindicato e ressaltando sua contribuição para a formação dos educadores, afirmou que Paulo Marcelo sempre os puxava para a realidade. Segundo Paulo Marcelo, foi o Timothy que em uma conversa inicial, antes de existir o PEZP disse: “E se a gente levasse uma escola pra dentro da obra?” Foi importantíssima a decisão de as aulas acontecerem nos canteiros de obras, requerendo o deslocamento dos professores da Universidade para as salas do Projeto. Vera Esther, professora aposentada da UFPB e ex-coordenadora do PEZP, disse sempre que a incomodava a idéia de que “os trabalhadores construíam a cidade e não podiam entrar”. Timothy afirmou que estar no PEZP “foi o trabalho mais interdisciplinar e mais coletivo que havia participado”.

## 2. Formação de educadores

Este foi o segundo aspecto de suma importância do PEZP. “Como esse povo cresceu” – com esta frase, o sindicalista Paulo Marcelo expressou sua admiração ao acompanhar os depoimentos de ex-professores do Projeto. Enquanto o primeiro aspecto garante o atendimento aos trabalhadores da construção civil, este segundo imprime uma função social e política da Universidade, influenciando na formação dos profissionais da educação. Como característica do Projeto, a professora Vera Esther se expressou: “Nele, tudo se discute”. Evidencia-se assim o caráter coletivo e a visão mais abrangente do processo de educação que não se reduz a mera alfabetização dos trabalhadores. Patrícia, ex-educadora e ex-coordenadora, disse que conheceu a educação de jovens e adultos pelo Zé Peão: “Não sabia que existia uma escola específica para jovens e adultos”. Ressaltou ainda o processo de identificação estabelecido entre os trabalhadores e os estudantes do PEZP: “A gente falava dos mesmos costumes, a mesma linguagem”. Ruth, coordenadora atual, afirmou que “estar junto destas pessoas faz a gente ser um ser humano melhor”. Adriana, ex-educadora e ex-coordenadora, disse que sua formação se deu em uma troca de saberes: “Eles diziam que não sabiam escrever o nome e eu dizia que não sabia fazer um prédio, nem mesmo a massa, o cimento.” Ana Carina, ex-educadora e atual professora no município de Santa Rita, afirmou em tom comovido: “Quem passou pelo Zé, será sempre Zé!”

Em síntese, no decorrer dos 20 anos de experiência, o PEZP contribuiu decisivamente para a formação de professores de educação de jovens e adultos, educadores que hoje atuam como regentes nas diferentes redes de ensino, como gerentes educacionais e como professores no ensino superior, prosseguindo a formação de novos educadores.

## 3. Renovação

Este aspecto evidencia a vitalidade presente na proposta da Escola Zé Peão. Durante o Seminário foram vários os depoimentos de ex-educadores, ex-coordenadores, ex-sindicalistas que atuaram e de membros que hoje atuam no Projeto como demonstração da continuidade e da renovação dos envolvidos. O sindicalista Cláudio Gomes afirmou ser o PEZP “um projeto em construção permanente”.

## 4. Proposta curricular: metodologia específica e material didático

Estes aspectos conferem ao Projeto seu caráter inovador. A proposta curricular é coerente com seus princípios fundantes, garantindo a proximidade com o trabalhador da construção civil, o respeito a seu saber e o reconhecimento deste saber numa relação dialógica com o processo de aprendizagem. Conforme afirmou a professora Maria de Lourdes Barreto, a elaboração do texto *Benedito* significou “o esforço de traduzir a vida do trabalhador da construção civil para o mundo da escrita”. Ainda para Lourdes, o grande desafio estava em “fazer uma escola que não fosse a escola que eles conheciam”.

## 5. Visibilidade

No decorrer dos anos, o Projeto recebeu muitos prêmios como o Proext, a Medalha Paulo Freire e da Unesco. Mesmo assim, Quezia, em seu depoimento, disse que o PEZP “teve que enfrentar muitos empecilhos e que não teve a visibilidade que deveria ter

tido”. Como mais um aspecto dessa visibilidade, Timothy lembrou o intercâmbio internacional com a Universidade de Illinois, nos anos de 1990. No entanto, para maior visibilidade, seria interessante preparar um livro sobre os 20 anos do Projeto e suas perspectivas atuais. Assumimos também o compromisso de divulgá-lo no [forumeja.org.br](http://forumeja.org.br), na página relativa à Educação Popular.

## 6. Memória

Foram citadas durante o Seminário várias formas de pesquisa e de sistematização do Projeto, como monografias de cursos (Marcus, Adriana), dissertações de mestrado (Adriana e Cláudia) e teses de doutorado (José Barbosa e Eduardo Jorge). Lembramos, no entanto, a conveniência de orientar a produção de trabalhos acadêmicos sobre outros aspectos da experiência, por exemplo, analisando as razões de sucesso e insucesso dos alunos operários.

Por sua vez, o Seminário foi filmado e registrado por equipes que se revezaram a cada sessão. Isto possibilitará uma memória das falas, das atividades e das sessões solenes. A sistematização de experiência é uma prática importante na EJA, para que não se perca a rica e desafiante vivência de um projeto, embora nem sempre possível.

**B.** Após a exposição dos seis aspectos relacionados aos pontos positivos do Seminário, passamos a tratar dos **desafios** a serem enfrentados.

### 1. Financiamento

“O início não foi fácil, como conseguir financiamento?” Esta foi uma afirmação de Timothy em sua fala na sessão de abertura do Seminário. Kezia afirmou em depoimento: “A gente não sabia se continuaria no ano seguinte”. A Escola Zé Peão surgiu e permanece como “um projeto”, cuja característica ser uma iniciativa de curta ou média duração. O fato da Escola Zé Peão completar 20 anos de existência é a comprovação de sua necessidade e seu amadurecimento. Sobre a necessidade, discutiu-se durante o Seminário sobre o fato de uma experiência conseguir chegar aos 20 anos e ainda sobreviver? Uma hipótese recai sobre o caráter inovador e de sua difícil incorporação, até o momento, por parte das iniciativas públicas. Sobre o amadurecimento, porque o projeto se manteve coerente com os princípios fundantes e por ser avaliado por seus integrantes de forma positiva ao longo dos 20 anos. Lindemberg, atual coordenador, expressou uma grande preocupação: “Como participar de editais e manter ao mesmo tempo princípios e metodologias próprias?” Ele chega a imaginar uma situação nova: “Como fazer para planejar uma ampliação do Projeto com a rede estadual?”. Paralelamente, constata-se é que se os projetos federais, estaduais e municipais dessem certo não precisaria existir uma iniciativa como a do PEZP, mas isto não descarta a necessidade de articulação com os poderes local e estadual com vistas a atender à escolarização completa na educação básica, necessidade dos operários frente às novas tecnologias e aspiração do Sindicato. Segundo Erimilson, para além da proposta de completar o ciclo de escolarização, o sonho seria ampliar o Projeto para todo o estado da Paraíba, mas isto precisaria de apoio decisivo dos poderes públicos, com a garantia efetiva de recursos.

### 2. Maior visibilidade

Ainda que o Projeto tenha obtido prêmios nacionais e internacionais não foi suficiente, até o momento, para garantir um reconhecimento que resultasse em uma valorização com apoio efetivo que respondesse por sua manutenção, em ser necessário

recorrer a editais todo ano para sua continuidade. Como avançar no nível de institucionalidade sem perder as especificidades da proposta?

### **3. Ampliação da escolaridade**

O Projeto Escola Zé Peão surgiu para atender a necessidade de alfabetização dos trabalhadores da construção civil. Durante o Seminário reconheceu-se que, de seu surgimento – há 20 anos atrás – aos dias atuais, muita mudança ocorreu. Como expressou Paulo Marcelo: “Hoje é completamente diferente. A conjuntura muda, o operário muda.” Dar continuidade a escolarização, ampliando para o ensino fundamental e até para o ensino médio passou a ser a nova meta do PEZP. Ele afirma ainda que “Os empresários da construção civil nunca pensaram que os trabalhadores precisariam de uma escola”. Para isto será necessário garantir juntos aos órgãos públicos como conselho estadual de educação, conselho municipal de educação e respectivas secretarias como garantir a avaliação no processo e a certificação dos estudantes. E talvez caiba à Universidade fazer a mediação entre as demandas do Sindicato para o Projeto Zé Peão e os empresários, não só para a melhoria das instalações onde ocorrem as aulas, mas na própria liberação de horário dos operários para delas participar.

Valentino lembrou também que houve, anos atrás, duas turmas que completaram o ensino fundamental no Zé Peão. E que ele mesmo, em sequência, cursou o ensino médio, à noite, e hoje está na universidade. Vale retomar essa experiência, insistindo, ao mesmo tempo, que a Secretaria Estadual de Educação pense uma escola para atender aos trabalhadores, especialmente aos egressos do Projeto que venham a demandar o ensino médio.

### **4. Como evitar a dispersão dos educadores**

Ao longo dos 20 anos, muitos foram os educadores formados pelo Projeto. No entanto, esta contribuição não se refletiu em uma escola pública de referência para a EJA em João Pessoa. É um desafio avançar em uma proposta mais ousada de EJA como escola pública que acolha os educadores oriundos do PEZP, a fim de levar para o interior das redes públicas uma discussão mais qualificada da EJA. A Coordenadora de EJA da Secretaria Estadual de Educação da Paraíba fez uma proposta de se pensar um Programa Piloto criando salas em uma escola estadual para atender a demanda do PEZP, com professores licenciandos da UFPB. Extremamente positivo, no entanto, o depoimento de Verônica: entre 14 professores em seu Departamento, em Guarabira, 7 passaram pelo Projeto Zé Peão.

### **5. Participação dos atuais educadores**

Uma vez que os atuais educadores e coordenadores ficaram envolvidos com a organização e o funcionamento do Seminário, não puderam estar presente em muitas sessões. É importante garantir, em outro momento, oportunidade para que se apropriem da riqueza dos depoimentos e das discussões – o que já está programado, como afirmou Lindemberg.

### **6. Como o Curso de Pedagogia reage à experiência do PEZP?**

A experiência que ocorre no interior do PEZP é reconhecida em dissertações e teses como referência para de formação de educadores de Educação de Jovens e Adultos. Como o Projeto poderia impactar a formação no Centro de Educação? Timothy

lembrou, como um dos problemas enfrentados é que, “como os alunos só têm contato com a EJA no final do curso de pedagogia, fica difícil criarem identificação com o público e com a área”. Em decorrência, sugeriu regulamentar o Projeto como um espaço de estágio dos alunos. Chegou mesmo a propor pensar-se em “criar uma escola de aplicação” de EJA na UFPB, que possa experimentar novos conhecimentos e novos métodos. Por sua vez, Ruth insistiu na aproximação com os diretórios acadêmicos e no compartilhamento de experiências de outros projetos, como a Pedagogia da Terra.

### **7. Olhar para dentro do Projeto**

Foi recorrente, durante o Seminário, a menção aos pontos positivos do PEZP. Não é fácil, em momentos de comemoração e homenagens, fazer uma análise mais crítica, mais para dentro do Projeto em questão. Entretanto, algumas falas foram enfáticas em reforçar a exigência de se realizar uma análise crítica para além dos elogios. Neste sentido é que, ao sermos convidados para uma síntese do Seminário, elencamos esses pontos de desafios sugerindo aprofundar nas condições enfrentadas no cotidiano do Projeto. Uma dessas condições, por exemplo, foi referida por Antonaide quando lembrou a precariedade dos espaços em que ocorrem as aulas. O desafio de sempre de melhoria nas condições de oferta das aulas soma-se ao desafio de ofertar outras atividades, como atender à demanda para a informática, ou seja, alfabetizar em outras linguagens e outras tecnologias. Como diz Edvilma:”Abrir uma janela para o virtual”.

‘Se não nos deixarem sonhar, nós não os deixaremos dormir’  
Eduardo Galeano